

A mediação do profissional da informação nas florestas da sociedade da informação

The mediation of the information professional in the forests of the information society

Silvia Maria do Espírito SANTO¹

RESUMO

Este artigo discute a identidade e a mediação do profissional da informação no âmbito dos questionamentos da Ciência da Informação e o tratamento dos objetos museológicos na linha de pesquisa da organização temática da informação. A conhecida imagem do conto "O Patinho Feio", do clássico infantil de autoria de Hans Christian Andersen, foi utilizada como metáfora do processo de auto-reconhecimento da identidade em transformação do profissional da informação. O patinho feio, personagem adotado para explicar a transformação profissional, busca novos caminhos, em fase de incertezas, diante da sociedade da informação. Os gansos, como simbologia das máquinas computacionais, são figurantes do contexto da sociedade contemporânea. Distinguindo as diferentes facetas da Ciência da Informação (arquivologia, biblioteconomia e museologia), esse profissional é o principal organizador e mediador entre usuário e informação. O texto aborda a aproximação com a organização da informação, questiona os limites encontrados frente à abrangência conceitual da Ciência da Informação, considera que é preciso refletir *sobre e para* o amadurecimento e realizá-lo diante de uma das dificuldades enfrentadas pela área: a função social da organização da temática no campo dos objetos museológicos.

Palavras-chave: profissional da informação; organização da informação; Ciência da Informação.

ABSTRACT

This article discusses the identity and the mediation of the information professional, according to the Information Science questioning, and the treatment of museological objects in the research line thematic organization of information. The well-known image of the tale "The Ugly Duckling" from the children's classic by Hans Christian Andersen was used as a metaphor of the self-recognition process of the information professional's transforming identity. The character used to explain the professional transformation, the ugly duckling, seeks new ways within an environment of uncertainty, before the Information Society. The geese stand for computer machines, and play the role of "extras" in the contemporaneous society context. By distinguishing the different aspects of the Information Science (librarianship, archiving and museology) this professional is the main organizer and mediator between user and information. The text explores the organization of information, it questions the limits facing the conceptual scope of Information Science, it states that it is necessary to think about and carry out the maturation process before one of the difficulties faced by the area: the social role of the thematic organization in the field of museological objects.

Key words: information professional; organization of information; information science.

¹ Professora, Departamento de Física e Matemática, Curso Ciências da Informação e da Documentação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Rod. dos Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-901, Ribeirão Preto, SP, Brasil. E-mail: <silesan@usp.br>.

Recebido em 23/11/2005 e aceito para publicação em 2/5/2006.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute a transformação do profissional da Ciência da Informação, agente e alvo das intensas modificações da sociedade da informação. Nos ambientes acadêmicos ou nas práticas profissionais, quando abordamos o conceito *informação*, não encontramos consenso. As origens terminológicas oscilam entre as raízes das teorias da matemática, da física, biologia ou das ciências sociais, sem contar com as pesquisas no campo da lingüística, da história e da semiótica. Nessa floresta, de galhos, espinhos e densas árvores, tentaremos achar os caminhos como métodos, os atalhos como estratégias e os lagos como espelhos para realizar a transformação profissional.

A discussão em torno do termo informação é paralela à busca pela delimitação conceitual do objeto da Ciência da Informação. As formulações de teorias sobre informação inferem-se quer seja pelos seus atributos como documento, quer seja pela sua imaterialidade, que é plena de significados passíveis de serem apropriados pelos sentidos humanos.

Alguns questionamentos resultam em estudos de sua herança tecnológica e sistemas eletrônicos, como documentos em papéis, hipertextuais ou audiovisuais, objetivando realizar a transmissão da produção do conhecimento. Para o sociólogo Castells (2002), na análise da sociedade contemporânea, há distinção entre as noções de “sociedade da informação” e “sociedade informacional”:

O termo sociedade da informação enfatiza o papel da informação na sociedade. Mas afirmo que informação, em seu sentido mais amplo, por exemplo, como comunicação de conhecimentos, foi crucial a todas as sociedades, inclusive à Europa medieval que era culturalmente estruturada e, até certo ponto, unificada pelo escolasticismo, ou seja, no geral uma infra-estrutura intelectual. Ao contrário, o termo informacional indica o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico. (CASTELLS, 2002, p.64).

Castells analisa os conceitos e dados empíricos a partir do paradigma econômico-tecnológico da

informação, indo além da compreensão de que a tecnologia da informação “não representa a realidade”. Ao contrário, afirma que “todas as realidades são percebidas de maneira virtual”, uma construção da percepção simbólica da realidade virtual, constituída de símbolos formadores da prática da comunicação eletrônica (CASTELLS, 2002, p.459).

Pela via da História, outros autores começam a discutir o conceito informação pela idéia de que buscar na ancestralidade do homem, o registro dos sinais de sua passagem na terra, denota a preocupação humana com o armazenamento, o tratamento e a transmissão da informação (BURKE, 2003). No âmbito da Ciência da Informação, Robredo (2003) não parece priorizar esse caminho, preferindo orientar esse estudo a partir da síntese da literatura e eventos científicos no período da primeira guerra mundial até os anos 90. Esse autor também apresenta dezenas de definições de informação e Ciência da Informação entre dicionários, enciclopédias, publicações e tópicos tratados em eventos científicos. Nesse sentido, selecionamos duas citações:

[...] ‘estreita’ que pode vir a ser parte tanto da ciência da biblioteca como da ciência da computação. De fato, essa definição ‘estreita’ é uma excelente lista de muitas das disciplinas e tecnologias que estão correntemente na linha de frente da ciência da informação: comunicação, classificação, bibliometria, intercâmbio da informação. (ROBREDO, 2003, p.67).

Para a ciência da informação, as definições do conceito *informação* acompanham a busca da definição dos papéis sociais dos profissionais das áreas da arquivologia, biblioteconomia e museologia, em suas práticas distintas. Tais discussões são atuais e pertinentes à organização, tratamento e recuperação da informação. Durante a primeira *International Conference on Conceptions of Library and Information Science (CoLIS 1)* realizada em 1991, na Universidade de Tampere, Finlândia, foi discutida informação como conceito e “componente” da Ciência da Informação.

Parece que ciência é ciência, toda a gente sabe que, por isso, a ciência da informação nunca atinge esse estatuto porque as características de ciência estão ausentes: objeto único, método único. A ciência da informação não tem um objeto único porque quase todos os possíveis objetos no mundo foram capturados

por outras disciplinas e ninguém aceita a "informação" como sendo um objeto pois ninguém realmente sabe o que ela é (se alguém sabe parece ser matéria de alguma disciplina já existente). Ela não pode desenvolver um método específico por causa da imprecisão do suposto objeto. (ROBREDO, 2003, p.63).

A questão nos parece de fundo metodológico e epistemológico para a definição de uma ciência, e não iremos discuti-la. Nessas abordagens, entre a discussão de conceito informação e práticas profissionais, o que nos é permitida é a construção de uma área de trabalho. Seria o profissional da Ciência da Informação o patinho feio, o incompreendido?

A apropriação dessa metáfora vem de um exemplo citado em discussão realizada em sala de aula, durante o primeiro semestre de 2004, turma do quarto semestre do curso Ciência da Informação e Documentação, do Departamento de Física e Matemática, da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto. Ao tentar buscar um sentido didático para a exploração do tema da profissionalização, a imagem da fragilidade (do patinho feio) foi levantada pelo grupo de alunos de forma comparativa ao curso Ciência da Informação na atualidade.

Para refletirmos sobre essa questão, tomamos a metáfora do próprio conto de Andersen, "O Patinho Feio"² (1844), como possibilidade de discussão simbólica do imaginário infantil, que tanto colabora para a compreensão do "mundo" dos adultos.

A construção da metáfora da transformação

Em 2005, completam-se os 90 anos da primeira impressão brasileira do livro infantil "O Patinho Feio", do dinamarquês Hans Christian Andersen, criador da literatura infantil no romantismo. No início do século XX, a novidade dos livros eram as ilustrações. "O Patinho Feio" registrou-se como o primeiro de uma série com ilustrações a cores, de

autoria de Franta Richter, imigrante tcheco radicado em São Paulo, pintor e ilustrador da Coleção Biblioteca Infantil, Livro I.

A impressão dos minuciosos clichês, para tipografia, usou as iniciais "FR" como assinatura e permitiu circular imagens dos belos lagos arredondados, rasos de água e protegidos por densa floresta: cenário inesquecível para várias gerações. Nosso personagem, às vezes cinzento, era filho adotivo de uma pata branca. Em sua infância foi confortado e protegido pela mãe, ao atribuir-lhe a sorte a partir do fato de ter nascido macho. Segundo a pata branca, essa seria a única condição de sua sobrevivência no ambiente hostil, já que nasceu horroroso e perdedor, pois pior seria ter nascido pata e sem beleza.

Por longo período de conflitos, permanecia o patinho inadaptado ao mundo animal, espaço natural dos galos de briga e gansos selvagens. E lá estava o patinho, sempre alvo do escárnio, da rejeição e proibido de se meter em conversa de gente. Ao ser recusado por falta de beleza, foi expulso de pousadas, moradias de velhas solitárias, famílias neuróticas e era até confundido com patas. Na luta por sua vida, tomou sozinho o caminho da floresta, não menos hostil, apesar de ser o caminho para a sua liberdade.

Suas referências sociais, em sua condição inferiorizada, eram apenas os gansos selvagens, os quais não possuíam grande experiência no mundo como ele, mas sentiam-se poderosos com seu forte físico que os favorecia.

Olha, camarada, disse um deles, atrasando o vôo; és tão feio que ficaríamos bem contentes em levar-te conosco. Queres acompanhar-nos? Ficarás também uma ave de arribação! Aqui pertinho, do outro lado deste tanque, há gansas selvagens lindíssimas, donzelas quase todas. Casar-te-ás com uma delas, e talvez sejas muito feliz!

De repente, ouviu-se um pif-paf! E os dois gansos selvagens caíram no mesmo instante n'água, que se tingiu de sangue. (ANDERSEN, 1990).

Naquele ambiente natural, o principal predador era o homem. Caçadores praticavam o lazer

² Lançado em 30 de outubro de 1915, pelo editor Walter Weiszflog e organizada a coleção pelo Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto, com reedição em 1990 pela Cia. Melhoramentos, com apresentação da Prof. Nelly Novaes Coelho, titular de Literatura da Universidade de São Paulo.

preferido, atirando em aves avantajadas. O ato da caça foi realizado ao atingir os interesses dos predadores, acertando, com tiros, o alvo, os belos gansos selvagens. No dia-a-dia, o pato feio, ao ser alvo de tantas humilhações, habituou-se também a esconder-se e, assim, em momento de perigo, pôde se livrar das balas dos caçadores e poupar a sua vida.

Se o pato olhasse para o céu, teria sido mais um alvo. No momento de fuga, buscou o esconderijo nas águas, que o livrou de tiros e também o protegeu dos cães farejadores. Nesse momento de reclusão, ao olhar-se na imagem refletida nas águas do lago, num mergulho em si mesmo, pôde finalmente libertar-se de seu complexo de inferioridade. Aquele patinho cinzento, que naquele meio rural suspeitavam ser filho de peru, disforme, desgracioso, alvo de atenção dos outros, já não fazia sentido. Depois de uma primavera, reconheceu-se como um cisne e foi acariciado pelos seus irmãos. “Mas não o dominava a vaidade”, em expressão de sua plena humildade.

Nesse duro processo de auto-reconhecimento, arrebatado por um momento de desespero, o pato viu na morte a única saída para o seu sofrimento. Ao abaixar a cabeça, no recolhimento de dor e sofrimento, assustou-se com a sua imagem refletida nas belas águas, docemente representadas nos clichês tipográficos. Pela primeira vez percebeu a sua identidade. Antes, como se auto-reconhecia do ponto de vista dos gigantes, a quem jamais iria igualar-se, não sabia de si mesmo. Era ignorante de sua própria imagem e potencialidade.

O profissional da informação

Essas transformações da identidade do personagem do conto de Hans Christian Andersen fazem lembrar por muito tempo a travessia dos profissionais da informação: o arquivista, o bibliotecário e o museólogo. No século em que se comemora um clássico da literatura infantil, “O Patinho Feio”, cujo tempo correspondeu à presença de inúmeras possibilidades para as profissionalizações, a transformação desses profissionais deu-se por intermédio do aprendizado técnico das novas mídias, da revolução tecnológica digital, de uma demanda disseminadora da informação.

O novo paradigma se deu entre as tímidas operações de execução de partes de processos de construção da informação e da possível abrangência da Ciência da Informação. A proposta de Hjørland (2003) esclarece que os critérios de relevância, isto é, “a maneira pela qual o conhecimento é organizado em sistemas de informação deve ser relevante para o propósito específico daquele sistema particular.” Para esse profissional atingir novos territórios, deverá buscar “os atalhos” ou estratégias para conhecer as bases dos contextos culturais da sociedade e, a partir daí, orientar os estudos da informação nos fundamentos da organização do conhecimento.

Capurro (2003), ao estudar os paradigmas epistemológicos da Ciência da Informação, apresenta duas raízes. Uma é a Biblioteconomia clássica, como transmissão da mensagem, uma “ciência das mensagens”, que é ligada aos aspectos sociais e culturais do mundo humano. Uma outra raiz é a computação digital, caracterizada pela tecnologia e seu impacto nos processos de produção, coleta, organização, interpretação, armazenagem, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação, especificamente com o enfoque na informação científica.

O profissional da informação, apesar das dificuldades, segue o seu caminho da sociedade informacional e surpreende-se no estágio de incertezas das novas convivências em campos diferenciados de trabalho. Na ausência de uma teoria sólida para a Ciência da Informação, aproxima-se de seus pares - os especialistas, os empresários e os cientistas da informação (LE COADIC, 1996).

Não poderíamos tomar uma outra metáfora para uma representação de identidade profissional e sua transformação. Como exemplo, o que acontece com um personagem do belíssimo conto de Oscar Wilde (1854-1900) “O aniversário da Infanta” (WILDE, 1992), em que um anão, ao reconhecer-se pela primeira vez nos espelhos do palácio, perdeu a felicidade de servir à nobreza e continuar inconscientemente a submeter-se ao escárnio dos convidados da infanta. Tristemente, ao entrar em contato com a sua imagem revelada através dos espelhos de um salão, não suportou a sua forma anônica, tendo morte súbita!

No texto de Andersen, o patinho feio, ao contrário do personagem bufão da nobreza, não finalizou o processo de sua sobrevivência. Agiu e realizou-se no domínio dos seus percursos e no auto-reconhecimento. No enfrentamento do estranho, no encontro com seus pares, houve uma libertação de sentimentos, identidade e definição de perfil nas interfaces estranhas, atraentes e cheias de desafios. Assim, ao conhecer novos caminhos, na travessia de constantes transformações e de novas perspectivas, encontrou o "diverso" que passou a ser "semelhante".

As águas espelham patinhos, gansos e cisnes

A experiência do patinho feio compara-se à imagem do profissional que constrói a Ciência da Informação diante dos temerosos gansos, representando as tecnologias da informação. Na verdade, patinhos e gansos são parentes convivendo nas mesmas florestas e águas da sociedade da informação. São os gansos que, nas águas da tecnologia, acenam para um conhecimento ampliado nos sistemas de informação, sem perceberem que podem ser alvos da velocidade da técnica (simbolizada pelos caçadores).

No mundo moderno e contemporâneo, adotam-se meios da informação com tecnologias vorazes, que dependem do conhecimento técnico e teórico, participativos na construção da memória social. A construção da imagem do profissional da informação na sociedade da informação define-se como facilitadora, ou mediadora, entre o mundo de estoques e aproxima-se do profissional transformado e revelado como elaborado na figura de um cisne. Esse profissional certamente deverá montar estratégias para sua sobrevivência. Inicialmente, tais estratégias devem ser teóricas com delimitações e devem fazer sínteses a partir da organização social do documento e do contexto cultural ao qual pertence.

Só tem sentido falar de um conhecimento como informativo em relação a um pressuposto conhecido e compartilhado com outros, com respeito ao qual a informação pode ter o caráter de ser nova e relevante para um grupo ou para um indivíduo. (CAPURRO, 2003).

Novas tecnologias e suportes se associam à homogênea linha da informação impressa, à complexidade de suportes audiovisuais e às diversas formas de organizar, tratar e recuperar a informação via a sua socialização, sem as quais a sociedade da informação não sobrevive.

O arquivista, o bibliotecário e o museólogo, como o nosso corajoso patinho, estariam mais perfilados, mais identificados com novas águas, novos atalhos, novas formas de expressão, mas sem negar o seu passado de reclusão e isolamento, feitor da árdua tarefa de organização documental em suas especificidades. A necessidade de transformação desses profissionais não estaria em sair para longe, tomar caminho em distância, projetando em novos territórios permitidos pela Ciência da Informação a sua realização?

As ações não podem ser maniqueístas no julgamento do que está para ser certo ou errado, mas nas possibilidades de transformação e perspectivas da sociedade da informação.

Um ponto de vista profissional da informação se faz pelo amadurecimento da sua relação com o mundo participativo na prática da área em questão, e não pela ruptura dos métodos adotados ao longo da sua própria origem - a Biblioteconomia (CAPURRO, 2003). Nessa transformação, segue a Ciência da Informação, admitindo novos paradigmas construídos pelas produções de conhecimento.

Dos locais dos profissionais para a mediação na sociedade da informação

Nos locais em que se organizam as informações, os profissionais esforçam-se na construção dessas pontes ou interfaces de conceitos pertinentes à organização, tratamento e mediação da informação. Mas talvez por excesso, por pecar na busca de apoio metodológico, recoloquem-se frente à questão da identidade da área de abrangência da Ciência da Informação. Como, a partir da área, ou a partir de dentro da área (SMIT, 2004), podemos concorrer para melhorar o acesso à informação, perguntando como representar? Estaremos mais aptos se conseguirmos conhecer os aspectos culturais de quem a produziu, a relevância dos contextos culturais de uma determinada sociedade, as linguagens, os

significados como ferramentas e seus valores funcionais (HJØRLAND, 2003).

O profissional da arquivologia organiza para refletir e testemunhar a produção da informação documental em circulação ou não. O profissional da biblioteconomia, subsidiado por ferramentas, métodos e conceitos da área, organiza para propiciar o uso da informação documental em circulação. O profissional da museologia organiza para referenciar a informação dos objetos fora de circulação. Diferem-se em conceitos, funções e técnicas presentes em seus formatos e mídias. Como cumprir com os objetivos da organização e análise documental, síntese e disseminação da informação? Como realizar a integração dessas áreas de trabalho?

Nas diversas instâncias, as instituições, embora diferentes e representativas nas diferentes áreas (arquivologia, biblioteconomia e museologia), cumprem a mesma função e objetivos últimos – a memória social e a produção de conhecimento. Embora se situem ao longo do *continuum* social, as contribuições teóricas sistematizaram-se na área da ciência da informação, conferindo-lhe uma evolução, com desafios e discriminando os papéis institucionais.

As habilidades técnicas do profissional da informação são indispensáveis, mas é necessário pensar além das funções da informação registrada, transformando-a em conhecimento. Entretanto, o desconhecimento e as resistências culturais nada contribuem para o avanço da ciência da informação. Ainda permanecem questões da abrangência da Ciência da Informação, como ela está sendo construída e como estão sendo definidos os seus limites.

Com a seleção de tantos problemas, que não podemos negligenciar ou ter a pretensão de dar soluções imediatas, selecionamos um dos questionamentos a partir de uma inquietação sobre a organização temática da informação museológica. Na nova tarefa, especificamente no campo da museologia, urge compreender e romper com os aspectos administrativos e funcionais tradicionais (livros de tomo, catalogação, classificação em fichas obsoletas, etiquetas com textos tautológicos entre objeto, imagem e substantivos) para exposições e armazenamento. Não devemos desprezá-los, mas considerar as razões de suas atividades comunicacionais implícitas na própria tarefa da organização,

tratamento e disseminação da informação dos acervos.

Nesses locais (arquivo, biblioteca e museu) de abundantes conteúdos informacionais, pressupõem-se a organização, a preservação e a comunicação inseridas no fluxo da informação de qualquer uma das unidades e serviços de informações (GUIMARÃES, 2004). Em qual “estação” se realiza essa idéia de processo informacional para os objetos museológicos?

Marteleto e Nascimento (2004), no texto “Informação construída nos meandros dos conceitos da teoria social de Pierre Bourdieu”, contribuem de maneira esclarecedora do ponto de vista da organização do conhecimento:

a estrutura e organização do conhecimento, os padrões de cooperação, as formas de linguagem e comunicação, os sistemas de informação, a literatura e sua distribuição, os critérios de relevância, são reflexos dos objetos de trabalho destas comunidades, e, também, dos seus papéis na sociedade. Esta possibilidade de se olhar a ‘informação’ significa a mudança da unidade de estudo de um fenômeno físico da informação como ‘coisa’ ou ‘estado mental de idéias e opiniões’ do indivíduo, para um fenômeno social de informação coletiva, estruturas de conhecimento e instituições de memória das comunidades discursivas – o *campo* em Bourdieu. (MARTELETO; NASCIMENTO, 2004).

Seguindo por um outro exemplo, afirmou Bourdieu (2003) no “*Amor pela Arte*” que a passagem nos museus revela do sagrado ao profano, ‘nos lugares santos da arte’, uma verdadeira metamorfose. Ancorado pela produção científica, econômica e artística, o autor, citando Max Weber, colocou a situação do usuário “no monopólio da manipulação dos bens culturais de cultura e dos signos institucionais da salvação cultural”. Por essa trilha do “fenômeno social da informação coletiva”, compreendemos que o museólogo (ou mesmo os demais profissionais da informação) passou a saber que esteve durante todo o tempo próximo ao tesouro informacional, distanciando-se do fazer mecanicista e entendendo-se como mediador entre usuário e informação. Na medida da compreensão do conhecimento do objeto museológico, das suas funções contextualizadas culturalmente (ação e verbo), com suportes dos significados lingüísticos (processos cognitivos de

culturas específicas) pode transformar-se em ferramentas inumeráveis da organização do conhecimento.

A mediação do museólogo na tarefa da informação, a rigor, rompeu com paradigmas do referente acervo a partir do reconhecimento do seu usuário, quando está necessariamente próximo de seu público (HOMULOS, 1989); em que pese a proximidade com a biblioteca, na função colecionadora da instituição, os museus adquirem vasta experiência no papel da mediação cultural, por intermédio de políticas públicas culturais e ações pertinentes.

A metáfora da transformação seria inicialmente localizar o papel da mediação do patinho feio no mundo de desconhecidos, e não mais temerosos gansos, a tecnologia. Antes disso será necessário compreender os sentidos dos objetos museológicos em determinado contexto cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio para a Ciência da Informação será não estar diante de uma dualidade profissional: ser passivo (patinho feio) ou niveladores da tecnologia ausente de crítica (gansos selvagens). Uma visão maniqueísta poderá ser mantida em detrimento dos aspectos coletivos e do contexto social (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995). Nessa construção crítica será positivo sentir-se incomodado e ter a necessidade da transformação profissional (de patinho para cisne). Como denomina Capurro, "a emergência da consciência ou da identidade pessoal." (CAPURRO, 2003).

Por isso os caminhos não só estariam apenas em sair para longe em distância (aprendizado das inúmeras ferramentas eletrônicas disponíveis), projetando-se em novos territórios da realização profissional ou num futuro utópico da sociedade informacional. Os caminhos estariam em também possibilitar acompanhar o reconhecimento dos processos de transformação das águas a percorrer, dos contextos culturais; a atualização dos paradigmas; a escolha de estratégias, das linguagens e da

capacidade em perceber que a pretensão de homogeneidade metodológica não faz sentido para o crescimento individual e profissional. Será instigante o reconhecimento e a aceitação das diferenças entre as tecnologias e a sua utilização na sociedade.

As diversas funções do profissional da Ciência da Informação apresentadas na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que são estimulantes para os estudantes e profissionais, podem parecer inibidoras diante do poder tecnológico, aqui representado pelos belos gansos selvagens, e da velocidade de transformação das áreas do conhecimento.

No centro da discussão da identidade do profissional da informação, a Ciência da Informação tem como missão pensar soluções e refletir a função social da informação. No fluxo documental no trabalho de quem produz, faz circular e usa a informação, deve-se pensar sobre "determinada tensão" entre essas fases ou momentos, distinguindo-se das demais áreas do conhecimento que produzem a informação restrita ao registro de pesquisa. Portanto, o centro da área, Ciência da Informação, é aquele que lhe confere identidade (SMIT, 2004).

Retomando o conto de Andersen, o patinho feio, em seu processo de amadurecimento, foi atingido por um raio de luz, despertando-lhe a vontade de nadar, nadar. O nosso personagem, ao realizar o mergulho nas águas, ou mesmo em limitados tanques, territórios pobres, das imensas águas, atravessando estações e enfrentando os gansos selvagens, cães e outras dificuldades, encontrou a sua identidade durante a primavera. As suas asas cresceram e pôde voar.

O estranhamento da função da mediação do profissional da área da informação tornou-se uma estratégia para o seu trabalho. A partir de um conjunto documental caracterizado pela necessidade de organização, submeteu-se ao aprendizado contemporâneo das novas técnicas da sociedade da informação e transforma-se neste mundo que, se aparentemente hostil a esses profissionais, também cria as oportunidades de estabelecer a sua própria identidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, H.C. *O patinho feio*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BOURDIEU, P. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Edusp, 2003.

BURKE, P. *O controle do conhecimento: igrejas e estados*. In: Uma história social do conhecimento - de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., 2003, Belo Horizonte. Enancib. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <http://capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 1 jun. 2005.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GUIMARÃES, J.A.C. Profissional da informação: o espaço de trabalho. In: BAPTISTA, S.G. MUELLER, S.P.M. (Org). *Profissional da Informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004. (Estudos Avançados em Ciência da Informação)

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward A New Horizon in Information Science: Domain Analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, 1995.

HJØRLAND, B. Fundamentos da organização do conhecimento. *Know. Org.*, v.30, n.2, p.87-111, 2003.

HOMULOS, P. Museums to librarieis: a falmily of collecting institutions. *Art Libraries Journal*, v.15, n.1, 1989.

LE COADIC, Y.F. *A Ciência da informação*. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MARTELETO, D.M.; NASCIMENTO, R.M. A Informação Construída nos meandros dos conceitos da teoria social de Pierre Bourdieu. *DataGramaZero*, v.5, n.5, out. 2004. Disponível em: <www.dgz.org.br> Acesso em: 18 jul. 2005.

ROBREDO, J. *Da Ciência da Informação revisitada: os sistemas humanos da informação*. Brasília: Thesaurus, 2003.

SMIT, J.W. Ciências da Informação, arquivologia e vocabulário controlado. *Semana de Estudos. Ciências da Informação e seus desdobramentos*, 1., 2004, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, 2004.

WILDE, O. *Histórias de Fadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.